

OS RETRATOS DE UMA NOVA NAÇÃO: BRASIL, ENTRE O IMPÉRIO E A REPÚBLICA DO SÉCULO XIX

Marcia Regina da Silva Ramos Carneiro¹, Brunno de Souza Barros Guimarães²

Abstract — *In the late 19th century, Brazil was in a unique situation, it was under the rule of the Emperor D. Pedro II. The country held its economy based on slavery producing for the free market. Slavery was abolished in 1888 and the Republic proclamation would come in a year later. With the change of regime, the Brazilian art has adapted to the new policy, contributing to build a national history. Important painters portrayed wars, and other emblematic events with their heroes, as a way to collaborate in the implementation of a project to shape the Brazilian people. This paper aims to analyze the works of these artists, the painter Pedro Américo that, across the boundaries of the Empire to the Republic, was one of the most representative interpreters of the changes that distinguishes the two regimes.*

Index Terms — *arte e política, intelectuais e pensamento nacional brasileiro, intervenção política*

Os tempos de transição entre dois regimes, o imperial e o republicano, no Brasil, foram períodos de grande efervescência intelectual, em que o pensamento nacional voltava-se para a necessidade de intervir politicamente. Segundo a análise de Ângela Alonso [1], a experiência comum de marginalização política, entre os intelectuais da geração de 1870 provocavam críticas ao status quo imperial. Eram jornalistas e literatas, cientistas e artistas que, além de se manifestarem em seus campos específicos, atuavam no campo político como membros do parlamento, ministros, diplomatas e outros cargos públicos. Ainda, para Alonso, o que os unia era o desejo de participação e não alguma filiação doutrinária ou pertencimento à alguma classe social. Embora se possa argumentar que o sentido da ação interventora se colocava além das questões de classe e das filiações doutrinárias, é certo, porém, que nas trajetórias de alguns dos intelectuais da chamada geração de 1870, no Brasil, podem ser percebidas nuances em que se destacam escolhas que, nitidamente, refletem, se não de todo, alguns flertes com as “ideologias” estrangeiras.

A vida e a obra do pintor e cientista Pedro Américo pode nos mostrar um exemplo de trajetória de intelectual brasileiro desse período. O menino do sertão paraibano, castigado pelas secas tornou-se homem ilustre, que frequentou as

academias europeias e representou, nas suas telas, as histórias que a nascente Nação brasileira requeria para construir a sua “tradição”.

O pintor brasileiro Pedro Américo de Figueiredo e Melo nasceu na cidade de Areia, no estado da Paraíba, no Nordeste brasileiro, no ano de 1843. Conta-se que, cedo demonstrou suas aptidões para a pintura. Seu pai era violinista e, segundo um dos seus biógrafos, Laudelino Freire [2], foi quem o educou nas primeiras letras. Tornando-se conhecido por suas habilidades, o menino, por volta dos 10 anos foi convidado a participar de uma missão do naturalista francês Louis Jacques Brunet.

Segundo Freire, ao examinar as gravuras do menino, o naturalista escolheu-o como seu auxiliar na expedição pelo interior do sertão nordestino desenhando árvores, grutas, pássaros, borboletas – toda a riqueza natural da região. A missão durou vinte meses e, ao final, o Brunet tornara-se amigo e apreciador das gravuras do menino.

O rapazinho, depois dessa empreitada, recebeu a oportunidade de estudar no Colégio Imperial de Pedro II, situado na Corte brasileira, a cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1854. No ano seguinte, aos doze anos, iniciou os estudos na Academia Imperial de Belas Artes. Em fins de 1859, Pedro Américo, com 16 anos, mudou-se para a Europa, onde permaneceu até 1864. Durante sua estadia no continente europeu, o rapaz frequentou a Academia de Belas Artes de Paris e bacharelou-se na Sorbonne, com a tese: “Considerações filosóficas sobre as belas artes entre os antigos”. Estudou no Instituto de Física de Adolphe Ganot, onde teve aulas com Michael Faraday. Também teve aulas de Arqueologia, com Charles Beule. Foi discípulo dos pintores neoclássicos Léon Coignet, Jean-Hippolyte Flandrin e do reconhecido “pintor de batalhas” Émile Jean-Horace Vernet.

Pedro Américo conheceu outras capitais europeias, porém não pode se estender mais, pois o prazo de recebimento de sua pensão, enviada a mando do imperador, se esgotara. De volta ao Brasil, concorreu à vaga de professor de desenho da Academia Imperial, apresentando a tela *Sócrates afastando Alcebiades dos braços do vício*. Outra obra deste período é *Petrus ad Vincula*, que pertence à Igreja de São Pedro, no Rio de Janeiro, e alguns retratos.

¹ Marcia Regina da Silva Ramos Carneiro, Professora do Curso de História do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense. Atua em pesquisa dos seguintes temas: História e Memória; História e Cultura, militância política, pensamento integralista, História Política e Intelectual e História da Ciência. Rua José do Patrocínio, 71, Centro – Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil – 28015-385 – marciarrcarneiro@vm.uff.br.

² Brunno de Souza Barros Guimarães, Graduando em História do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional da Universidade Federal Fluminense. Atualmente, estuda Patrimônio Cultural na Universidade do Algarve. Atua nos seguintes temas: testamentos, movimento pós-conciliar e Igreja Católica. Rua José do Patrocínio, 71, Centro – Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil – 28015-385 – barros4brunno@hotmail.com.

O pintor logo voltaria à Europa, onde realizaria, entre outras obras: *São Marcos*, a *Visão de São Paulo* e a *Cabeça de São Jerônimo*. Também, nessa ocasião, Pedro Américo aprofundou seus estudos das Ciências Naturais, defendendo na Universidade de Bruxelas sua tese de doutoramento.

De passagem por Lisboa, em 1869, o jovem pintor-cientista hospedou-se na casa de um importante poeta romântico brasileiro, Manuel de Araújo Porto-Alegre, o barão de Santo Ângelo, que exercia a função de cônsul brasileiro na capital portuguesa. Lá, desposou a filha do poeta, Carlota Porto Alegre, com quem teria três filhos. No ano seguinte, volta ao Brasil, retornando ao trabalho de professor.

Nos anos seguintes, Pedro Américo dedicou-se plenamente à pintura, principalmente a temas que se referiam à história brasileira. Seguindo os passos de Vernet, retratou a *Batalha do Campo Grande*, apresentada na Exposição Universal de Viena, em 1873, e o *Ataque da Ilha do Carvalho*. Também retratou os imperadores de D. Pedro I (o rei português Pedro IV) e seu filho D. Pedro II, e, ainda, Comandante do Exército brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, o *Duque de Caxias*.

A temática das batalhas o acompanhou na sua volta à Europa, em 1873, quando concluiu, em 1877, em Florença, na Itália, um dos seus mais famosos quadros: *Batalha do Avaí*. O quadro foi considerado uma obra tão importante que Pedro Américo foi convidado a compor seu auto-retrato e expô-lo na "Galleria Nazionale degli Uffizzi". Na sala da exposição, o auto-retrato de Pedro Américo foi colocado entre os dois dos seus professores na Academia parisiense, Jean-Auguste Dominique Ingres e o já citado Flandrin.

O artista, durante sua estada europeia, entre 1878 a 1882, produziu inúmeros quadros, entre eles: *A Batalha de San-Martino*, *Menina espanhola de 1600*, *Os filhos de Eduardo 4º de Inglaterra*, *D. Inês de Castro*, *Judite e a cabeça de Holofernes*, *D. Catarina de Ataíde*, *D. João 4º Infante*, *A noite acompanhada dos gênios do amor e do estudo*, *Joana D'Arc*, *Menina pintora*, *Jocabed levando ao Nilo seu filho Moisés*, *O voto de Heloisa e Moema*.

Em princípios de 1885, com seu retorno ao Brasil, volta a lecionar e, neste mesmo ano, foi convidado pelo governo da Província de São Paulo a registrar em óleo a Proclamação da Independência. O quadro só seria entregue três anos mais tarde, depois de ter sido exposto em Florença.



Este quadro, também conhecido como "Independência ou morte!" e "O grito do Ipiranga", encontra-se, atualmente, no Museu Paulista, na capital do Estado de São Paulo.

Pedro Américo ainda voltaria ao continente europeu, em 1889, onde se dedicou à pintura de *Voltaire abençoando o neto de Franklin, em nome de Deus e da Liberdade*.

Com a Proclamação da República, em novembro desse ano, Pedro Américo se viu envolto na possibilidade de exercer mais ativamente a vida política e candidatou-se e foi eleito pela Paraíba deputado para participar da confecção da primeira Constituição republicana do Brasil.

Suas viagens à Europa recomeçaram por conta de uma doença que preferiu tratar na Itália. Lá iniciou estudos para a realização de uma de suas obras mais significativas: *Tiradentes esquartejado*. Nesta obra, o pintor retrata o herói Joaquim José da Silva Xavier, um dos rebeldes que participaram da Inconfidência Mineira, um movimento liderado por proprietários, alguns portugueses, que influenciados pelos ideais da independência americana, e do iluminismo, que defendia a libertação do Brasil de Portugal.

O tema, a Conjuração Mineira, foi escolhido como um novo marco da nova República, como forma de inaugurar o novo regime e, com ele, um novo projeto de nação. O quadro de Pedro Américo, terminado em 1893, serviria para afirmar a nova postura brasileira, a independência total de Portugal era refletida pelo momento histórico em que os brasileiros se rebelaram com a metrópole.

Segundo a historiadora da Arte, Maraliz de Castro Vieira Christo, a história do movimento foi detalhadamente estudada e, a obra de Pedro Américo tornou-se um símbolo do martírio de um herói em nome da liberdade. Eis a obra que faz parte do Acervo do Museu Mariano Procópio, da cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais:



Segundo Cristo: “A disposição do corpo sob o cadafalso e a citação do braço pendente da *Pietà* (1497-1500), de Michelangelo, ou da *Deposição de Cristo* (1602-04), de Caravaggio, além da presença do crucifixo, favorecem uma leitura cristã do martírio de Tiradentes”. [3]

Cabe lembrar que a ordem para a prisão e esartejamento do “Tiradentes” veio da pena da Rainha Maria I, a avó do primeiro imperador e bisavó do segundo. O fato de retratar um rebelde punido pelo reino português simbolizava a definitiva independência brasileira, segundo o pensamento republicano. O dia da morte de Tiradentes, 21 de abril, foi declarado, a partir de 1890, feriado nacional. O “mártir da independência” tornou-se o “patrono cívico do Brasil”.

Entre 1892 e 1897, Pedro Américo ainda produziu os quadros: *A visão de Hamlet*; *Abd-ur Rohman*; o *Noviciado*; *Honra e Pátria* e sua última obra *Paz e Concórdia*.

Para seu biógrafo Laudelino Freire, Pedro Américo foi um “pintor de batalhas, retratista, pintor decorativo, histórica e pintor bíblico”. Segundo Freire, ele “não foi apenas um pintor célebre. Foi também cultor de filosofia, homem de ciência, orador, poeta e romancista. Em tudo, soube manifestar a superioridade do seu talento privilegiado.”

Pedro Américo veio a falecer no lugar que escolhera como seu preferido na Europa, Florença. Ele faleceu a 7 de outubro de 1905.

O pintor produziu ainda outras várias obras, além das aqui citadas. É, a importância de Pedro Américo na história brasileira supera as cenas, as emoções, os movimentos que retratou. Pedro Américo foi um intelectual que usou de seu talento nas artes plásticas para pensar um projeto de Brasil. Entre o Império e a República, os temas que representou nas suas telas tornaram-se símbolos das verdades repassadas por gerações. Para muitos brasileiros, o seu quadro, a Proclamação da Independência retrata o momento fiel em que o filho do rei de Portugal, D. João VI, rebelou-se contra as cortes portuguesas e libertou o Brasil da submissão à metrópole. Muitos erros históricos e mesmo geográficos foram apontados posteriormente. Inclusive, o quadro lembra

bastante o do pintor Ernest Meissonier, o “1807, Friedland”, que foi pintado em 1875. Mas, de qualquer forma, Pedro Américo foi um dos responsáveis por construir uma tradição de heroísmo para uma nação que nascia no século XIX.

As análises sobre os tempos de mudanças entre regimes políticos do Brasil de fins dos oitocentos não podem prescindir de uma análise que observe o envolvimento dos intelectuais brasileiros, que trafegavam entre ciência, arte e política com o propósito de levar ao restante do mundo civilizado um retrato do país que estava ainda aprendendo caminhar com suas próprias pernas. A arte e a ciência de Pedro Américo contribuíram para a construção de um auto-retrato brasileiro. Retratou, entre as lideranças proprietárias e poderosas, a presença de um povo ainda timidamente presente, quase ausente. Deste modo, suas pinturas também tornam-se fontes para as pesquisas históricas e ajudam-nos a compor um versão datada, mas presente e, ainda permanente, de possível atuação do intelectual, seja ele de qual classe for, como ação interventora na realidade brasileira.

REFERÊNCIAS

[1] ALONSO, Ângela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

[2] FREIRE, Laudelino. *Um século de pintura. Apontamentos para a história da pintura no Brasil; de 1816 a 1916*. Rio de Janeiro, Rôhe, 1916.

[3] CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. Narrativas sobre a Conjuração Mineira: Pedro Américo, Portinari, João Câmara e Joaquim Pedro. Revista Esboços nº 19, vol 15. Florianópolis: UFSC, 2008.